

REFLEXÕES SOBRE ANTROPOLOGIA COMPARTILHADA A PARTIR DA “MOSTRA ARTÍSTICA DO PROJETO TERRA DE SANTO”

PEDRO HENRIQUE GUATURA DARLAN¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – pedrodarlan01@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho surge das minhas contribuições como bolsista do Projeto de Extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas no evento Pré-Cidades em Transe, realizado no âmbito do projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” em parceria com Arq Urb/Uniritter. A pergunta norteadora que guiou as atividades aqui apresentadas foi: de que modo as produções audiovisuais contribuem com as áreas de atuação da antropologia?

O Projeto de Pesquisa “Margens” é desenvolvido no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e articula três projetos de extensão que estão ativos atualmente: “Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas”, “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos(as) em formação” e “Mapeando a noite: o universo travesti”.

O “Margens” organiza anualmente um evento denominado “Cidades em Transe”. Neste ano de 2021, como uma prévia do evento maior que aconteceu em agosto, foi organizado o evento “Pré-Cidades em Transe: Entre planejar e viver a cidade”, que ocorreu em 18 de junho 2021, com a proposta de ser uma edição comemorativa dos 5 anos do evento “Cidades em Transe”, promovendo debates sobre planejamento urbano, gestão urbana, regulamentação fundiária e patrimônio nas cidades. Cada projeto de extensão que compõe o “Margens” ficou responsável por parte da organização do evento. O Projeto de extensão “Terra de Santo” foi responsável pela realização do vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo”.

No evento Pré-Cidades em Transe, enquanto bolsista, fiquei encarregado da edição dos vídeos da “Mostra Artística” e do “Sarau LGBTQIA+, vinculado ao Projeto Mapeando a Noite”. Após o evento tive a curiosidade de entender como produções audiovisuais poderiam contribuir com a antropologia e seu papel junto às comunidades. Assim, utilizando os conceitos de “Antropologia Compartilhada” de Jean Rouch, me deparei com outras possibilidades narrativas de se construir conhecimento.

2. METODOLOGIA

Desde a organização do evento e a produção das atrações, o processo foi inteiramente virtual. Através de encontros semanais online, cada projeto de extensão do “Margens” foi responsável por parte da programação do evento “Pré-Cidades em Transe”. Assim surge a proposta de elaboração do vídeo “Mostra artística Projeto Terra de Santo”, vinculado ao Projeto de Extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas.

Sobre o vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q31nDsZZpLM&t=837s>, todo o conteúdo

presente, exceto o áudio da leitura dos artigos de Isabel Campos na voz de Ingrid Santana e da leitura do artigo do Babalorixá Juliano D'Oxum na minha voz, foram todas contribuições feitas através do formulário virtual *Google Forms*. A divulgação do formulário foi feita nas redes sociais, *instagram* e *facebook*, por meio de publicações nos perfis oficiais do @geeurbano. Sendo as contribuições expressões artísticas variadas, dentre elas, vídeos, textos e imagens (Fotografias e Ilustrações). As contribuições foram enviadas por lideranças das religiões de matrizes africanas da região, muitas delas interlocutoras do projeto de extensão. Após respondido o formulário, as contribuições eram alocadas na plataforma *GoogleDrive*. Todos os arquivos mencionados foram disponibilizados à equipe via ferramenta *link* compartilhado do *GoogleDrive* e editados através do programa *VEGASPro14 Edit Steam Edition*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Falando sobre a contribuição dos conceitos de Jean Rouch para antropologia; aqui é proposta uma etnografia alternativa à tradicional, uma etnografia em que a/o antropólogo/a não precisa condensar tudo aquilo que enxergar em texto. Deste modo, o que se propõe é uma etnografia visual que permita a experiência compartilhada de modo mais democrático, que ultrapasse as barreiras da compreensão textuais para compreensão audiovisual. Escrever sobre as comunidades de Terreiros ou sobre as religiões de matrizes africanas em Pelotas para um público não familiarizado com o assunto, cria barreiras de acesso que são mais difíceis de transpor pelas narrativas textuais. Essas barreiras podem ser mais facilmente superadas através de produções audiovisuais. Por exemplo, Debora Diniz em algum dos seus documentários etnográficos como, “A Casa dos Mortos” e “Uma História Severina”, consegue demonstrar conceitos antropológicos em suas produções audiovisuais que ultrapassam as barreiras de uma etnografia tradicional, as sensações ali são dificilmente expressas em um texto escrito. Poderíamos descrever como é parte do funcionamento de um Terreiro através das produções dos/as interlocutores/as ou vivenciar elementos da religiosidade das religiões de matrizes africanas, mas através de produções audiovisuais. Nos possibilitado uma “Antropologia Compartilhada” e o conteúdo mais democrático, uma vez que é ofertado ao interlocutor ou interlocutora, interagir e decidir sobre o que vai fazer parte do produto final, o que em narrativas textuais nem sempre acontece.

O que me faz lembrar do meu primeiro contato com antropologia na universidade. Professores/as demonstravam conteúdo das aulas e o “Código de Ética” do/a antropólogo/a, compromisso que devemos ter diante de nossos/as interlocutores/as.

Constituem direitos dos antropólogos e das antropólogas, enquanto pesquisadores e pesquisadoras: Direito ao pleno exercício da pesquisa, livre de qualquer tipo de censura no que diga respeito ao tema, à metodologia e ao objeto da investigação. Direito de acesso às populações e às fontes com as quais o/a pesquisador/a precisa trabalhar. Direito de preservar informações confidenciais. Direito de autoria do trabalho antropológico, mesmo quando o trabalho constitua encomenda de organismos públicos ou privados. O direito de autoria implica o direito de publicação e divulgação do resultado de seu trabalho. Direito de autoria e proteção contra o plágio. Os direitos dos antropólogos devem estar subordinados aos direitos

das populações que são objeto de pesquisa e têm como contrapartida as responsabilidades inerentes ao exercício da atividade científica. (ABA,2011,2012)

Assim, as lideranças que compartilharam sua produção para o vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo”, escolhe o que deseja compartilhar e como deseja fazê-lo. Como exemplo, Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô de Jaguarão/RS em sua contribuição “AFROTUR” (fazendo referência ao continente Africano e a palavra inglesa *Tour*, comumente usada a passeios turísticos) propõem um espaço de compartilhamento dos saberes e dos locais sagrados dentro da religiosidade de matriz africana na cidade de Jaguarão. Devo respeitar sua escolha, não podendo retirar nem acrescentar nada além daquilo que foi decidido por ela, pois se fosse alterada sua contribuição estaria indo contra o conceito da antropologia compartilhada. Quando um colaborador ou colaboradora expõe sua produção na Mostra, ali já está presente o que ele/ ela escolheu compartilhar, sendo ele/ ela o/a único/a detentor/a do direito do que mostrar, devo eu respeitar tudo aquilo presente, a subjetividade da produção e o seu teor cultural, religioso.

Sobre o evento “Pré-Cidades em Transe”, o vídeo da “Mostra Artística projeto Terra de Santo” acaba por se tornar um espaço de visibilidade para artistas esporem suas obras em um momento em que o distanciamento se torna uma medida de saúde pública e, também um lugar onde lideranças possam expressar sua religiosidade, cultura e costumes. No presente momento o vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo” se encontra hospedado no *Youtube* com 166 visualizações e em sua estreia no formato de *live* pelo *Youtube*, o público demonstrou de forma geral boa recepção e grande afeto pelo conteúdo audiovisual.

4. CONCLUSÕES

Sendo o Projeto de extensão um processo educativo, cultural e científico ela proporciona um ganho na qualidade da formação universitária, pois me possibilita contato com as comunidades locais e elas com a universidade. Através da antropologia compartilhada é possível abrir um leque de opções para outras formas de produções na área de antropologia, que permitirá interlocutores ou interlocutoras a liberdade para expor aquilo que deseja.

Os conceitos aqui apresentados sobre uma forma mais democrática de se fazer etnografia e de antropologia compartilhada irão auxiliar e ampliar o meu universo de referências em minhas futuras atividades enquanto bolsista do Projeto de Extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas, bem como auxiliar minhas futuras produções acadêmicas e profissionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Código de Ética, ABA. 2011,2012. Disponível em:
<http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>

ESTRELA DA COSTA, Ana Carolina. 2016. "Jean Rouch". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/autor/jean-rouch>>

Imagens Livres. Uma História Severina. **Youtube**, 16/10/2010. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=65Ab38kWFhE>

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de; SILVA, Érica Quinaglia. "Interview with Debora Diniz about the film *The House of the Dead*".in: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 9, n. 2. July to December 2012. Brasília, ABA. Available at <http://www.vibrant.org.br/issues/v9n2/rosana-m-de-oliveira-erica-q-silva-interview-with-debora-diniz-about-the-film-the-house-of-the-dead/>

Relatório Pré-Cidades em Transe: Entre planejar e viver a cidade (2021). No prelo.